

**INSTÂNCIAS DE HUMILHAÇÃO:
SILENCIAMENTO E PASSIVIDADE DE FABIANO EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO
RAMOS**

INSTANCES OF HUMILLIATION:

*SILENCING AND PASSIVITY OF FABIANO IN *VIDA SECAS*, BY GRACILIANO RAMOS*

Thiago de Sousa Amorim¹
Claudia Cristina da Silva Fontineles²
Josivan Antonio do Nascimento³

RESUMO: Este artigo examina as instâncias de humilhação sofridas por Fabiano no romance *Vidas secas* (2014), de Graciliano Ramos (1892-1953). A partir de análise qualitativa e revisão de literatura, o estudo identifica na narrativa dois tipos principais de humilhação enfrentados por Fabiano: silenciamento e passividade. Ambos os processos são estratégias simbólicas e ideológicas utilizadas por Fabiano para salvar a si próprio e a família de serem abandonados. Isso resulta da falta de conhecimento sobre os direitos políticos, e não apenas da incapacidade de Fabiano em se expressar pela linguagem. Por não ter educação formal, Fabiano é segregado da sociedade e não consegue superar o sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: Humilhação; Silenciamento; Passividade.

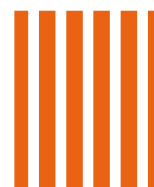
ABSTRACT: This article examines the instances of humiliation faced by Fabiano in the novel *Vidas Secas* (2014), by Graciliano Ramos (1829-1953). Based on a qualitative analysis and a literature review, two main types of humiliation faced by Fabiano in the narrative were identified: silencing and passivity. Both the processes are symbolic and ideologic strategies used by Fabiano to save himself and his family from being abandoned. This results from the lack of knowledge on pollical rights, and not only from Fabiano's inability to express himself through language. Because of his lack of formal education, Fabiano is segregated from society and cannot overcome suffering.

KEYWORDS: Humiliation; Silencing; Passivity.

¹ Doutor em Letras, com área de concentração em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor do quadro provisório do curso de Letras-Português da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), *Campus* Timon. E-mail: tyagoamorim25@hotmail.com

² Bolsista em Produtividade Científica CNPq. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Departamento de História, Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Ciência Política. E-mail: cfontinelles@gmail.com

³ Doutor em Letras, com área de concentração em Literatura, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de Língua Inglesa na Educação Básica pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI). E-mail: josivnascimento@outlook.com



O mais pesado dos fardos nos esmaga, verga-nos, comprime-nos contra o chão. Na poesia amorosa de todos os séculos, porém, a mulher deseja receber o fardo do corpo masculino. O mais pesado dos fardos é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da realização vital mais intensa. Quanto mais pesado é o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais real e verdadeira ela é.

Milan Kundera

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mazelas resultantes da seca em regiões áridas do Brasil começaram a ser retratadas em obras literárias ainda no século XIX. Francisco Gil Castelo Branco (1848-1874), escritor piauiense, é considerado pela crítica como pioneiro sobre o romance de seca com a obra *Ataliba, o vaqueiro* (2012) lançada em folhetim em 1878, como atesta Manoel Nunes (2012). A partir daí, os flagelos da seca no sertão começaram a ser representados nas obras de vários autores, como podemos observar em Rodolfo Teófilo (1863-1932), Domingos Olímpio (1851-1906), Antônio Sales (1868-1940), José Américo de Almeida (1887-1980), Raquel de Queiroz (1910-2003) e Graciliano Ramos (1892-1953). Ao retratar criticamente os efeitos da seca, apontando a inexistência de políticas públicas para a assistência do homem no sertão, a narrativa de seca também nos possibilita refletir sobre as angústias que perpassam a existência do sertanejo. Nesse aspecto, destacamos a obra *Vidas secas* [1938] (2014), de Graciliano Ramos (1892-1953), como *corpus* deste artigo para examinarmos as instâncias de humilhação na personagem Fabiano, a partir do discurso indireto livre manifestado pelo narrador. Utilizamos como referência a 124ª edição de *Vidas secas* lançada em 2014.

O romance *Vidas secas* (2014), publicado primeiramente em 1938, consagrou Graciliano Ramos como um dos grandes nomes da segunda fase do Modernismo brasileiro no século XX. Traduzido para vários idiomas e adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos em 1963, *Vidas secas* (2014) reflete interesses universais ao retratar os problemas sociais, as diferenças entre as relações socioculturais humanas e as mazelas sofridas pelo homem sertanejo à margem da sociedade e do desenvolvimento. A narrativa apresenta a crueza da vida miserável de uma família de retirantes sertanejos forçados a migrarem constantemente para diferentes regiões do sertão como luta pela sobrevivência. A obra surgiu a partir do sucesso que Graciliano Ramos obteve com a publicação de um conto intitulado *Baleia*, narrativa que retratava o sofrimento e a morte da

cachorra de uma família de retirantes no sertão nordestino. A partir disso, Graciliano Ramos escreveu outros contos que viriam a formar os capítulos de *Vidas secas*. Um conto para cada membro da família.

A narrativa de *Vidas secas* é composta por uma família simples, pobre e sem escolaridade. As personagens que compõem a família são Fabiano, patriarca que quase não fala, cor avermelhada, barba ruiva e olhos azuis; sinhá Vitória, esposa de Fabiano descrita como mulata esperta que sabia fazer contas com grãos; e dois filhos sem nome, apresentados apenas como o menino mais velho – que não falava direito, queria aprender a ler e tinha curiosidades em saber o significado da palavra *inferno* – e o menino mais novo, que queria ser um vaqueiro como o pai; a cachorra Baleia; e um papagaio que não sabia falar e limitava-se a apenas imitar o latido da Baleia, o que se justifica pela ausência de diálogo entre os membros da família. A comunicação entre os membros da família se dava mais por gestos e onomatopeias do que pela fala.

De um modo geral, a obra é inserida no conjunto de produções referentes ao regionalismo brasileiro da geração de 1930, que compreende, especificamente, a segunda fase da escola modernista. A narrativa é desenvolvida a partir do discurso indireto livre focalizado em Fabiano. O narrador assume a função de organizar e expressar em linguagem as ideias que as personagens não conseguiriam verbalizar oralmente, como apontam Rayssa Oliveira e Luiz Mousinho (2017).

Em sua análise sobre a linguagem e os aspectos miméticos em *Vidas secas* (2014), partindo da teoria de Walter Benjamin (1892-1940), Davi Tomm (2014, p. 34) salienta que é “papel do narrador utilizar a linguagem articulada, já de posse da função semiótica, para dar voz aos personagens, mimetizando, através de seu estilo, a vida e os pensamentos deles”. Desse modo, o narrador torna visível o que está à margem. Narrado em terceira pessoa, o discurso indireto livre permite o entrelaçamento de vozes entre narrador e personagens na narrativa, mantendo uma tênue divisão entre si, como desataca Gustavo Ribeiro (2016). Nesse entrecruzamento, percebemos que existe em Fabiano um sentimento de revolta dentro de si por causa das humilhações por que passa diante das pessoas.

Com o objetivo de compreender como operam as instâncias de humilhação em Fabiano, realizamos este estudo com metodologia de análise qualitativa do objeto de pesquisa e bibliográfica com revisão de literatura sobre o conceito de humilhação como fundamento teórico para atingir o objetivo proposto. Nossa base teórica considera principalmente as contribuições de Christina Lopreato (2005), Claudine Haroche (2005) e Pierre Ansart (2005). Por conseguinte, organizamos

nossas discussões em torno de dois eixos principais para o exame das instâncias da humilhação sofrida por Fabiano: o silenciamento e a passividade. No tópico a seguir, discutimos sobre o silenciamento em Fabiano.

2. O SILÊNCIO DE FABIANO FRENTE À HUMILHAÇÃO

Neste tópico vamos examinar como a humilhação causa silenciamento em Fabiano e o que se constitui como silêncio na personagem. Por que Fabiano cala-se diante das injustiças que sofre ao longo da narrativa? O que este silêncio significa frente à humilhação sofrida? Com o intuito de responder estas questões, começamos afirmando que o sentimento de humilhação causa diminuição de um indivíduo em relação ao outro. Etimologicamente, a palavra humilhação advém do latim *humiliare*, que quer dizer rebaixar, tornar desprezível. Daí o sentido literal do termo, que, de sua gênese, traz um valor semântico categórico ao seu uso pragmático. Epistemologicamente, a palavra humilhação denota diversos sentidos. Na perspectiva de Christina Lopreato (2005), o conceito corresponde a um sentimento moralístico que se despreza. É a depreciação da condição de inferioridade do outro, um rebaixamento moral que afeta negativamente o psicológico e o físico de quem é menosprezado e humilhado. Assim, a humilhação é fator responsável por atingir a identidade moral do outro. A humilhação é, ainda, nas palavras de Pierre Ansart (2005, p. 15), “uma das experiências da impotência”. Todavia, a narrativa de Graciliano Ramos retrata uma forma de humilhação cuja impotência de Fabiano se torna potência para alguma outra coisa. São variadas as formas pelas quais a humilhação pode causar no indivíduo o sentimento de impotência violando a moral e as virtudes, tais como insultos, difamação, agressão física e psicológica. O próprio Graciliano Ramos retrata em suas obras aspectos que podem ser associados às experiências pessoais sofridas quando fora preso sob acusações de ligação com as ideologias comunistas em 1937. Como aponta Maria Helena Patto (2012, p. 225):

Em 1936, alvo da brutalidade da polícia getulista, Graciliano Ramos viveu quase um ano em porões de navios e celas de presídios, entre os quais o campo de trabalhos forçados da Ilha Grande, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Em *Memórias do cárcere*, ele reflete com ironia acerca dos possíveis motivos da condenação sem acusação e sem defesa.

Na época em que Graciliano Ramos tinha sido preso, o Brasil estava sendo governado por Getúlio Vargas (1882-1954), que instaurara um estado de exceção no país. Em contexto mundial,

falava-se sobre a Segunda Guerra Mundial na Europa, que teve seu estopim em 1939. O mundo via a ascensão dos governos nazifascistas. Essas práticas de injustiça estão presentes na sociedade brasileira materializadas entre sujeitos de diferentes classes sociais, entre os quais podemos distinguir os grupos que gozam de privilégios sociais e reconhecimentos por meio da condição social, da profissão, da escolaridade, do gênero; e os que gozam de desprestígios, que são estigmatizados, na maioria das vezes, por serem pobres e sem escolarização. A família de Fabiano faz parte dos grupos marginalizados, sem escolaridade e nem assistência de políticas públicas. Isto afeta de vários modos a consciência de Fabiano por reconhecer certo desnível social de seu ser-estar diante da sociedade que o segrega. Esse desnível é o eixo operante das inquietações e humilhações.

É possível, nesse sentido, considerar que as sociedades marcadamente desiguais são vinculadas às práticas de humilhação. A família de Fabiano representa a projeção crítica da dura realidade de muitos brasileiros que vivem em um cenário de miséria. Embora o livro tenha sido publicado há mais de 80 anos, em que a realidade nordestina da época tenha servido como base para o processo de criação literária, é evidente a sua atualidade no que concerne às práticas de humilhação expostas no cotidiano do personagem em apreço.

Fabiano é retratado como um homem bruto atuando como vaqueiro injustiçado no sertão nordestino. Apresenta as características latentes de um sujeito oprimido. Sem ter frequentado a escola e aprendido a ler e nem a escrever, Fabiano é um homem que quase não fala e tem dificuldade em expressar suas próprias emoções, angústias, sentimentos e revoltas. A ausência do domínio de linguagem impede que Fabiano tenha capacidade de se comunicar e interagir socialmente com as pessoas. Isto causa certas inquietações introspectivas que o fazem considerar-se ora homem, ora bicho, como o narrador nos mostra neste trecho a seguir:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.
Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
— Você é um bicho, Fabiano.
Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (RAMOS, 2014, p. 18-19)

A condição de homem-bicho, tal qual observa Fabiano, revela tanto as características brutas do ser humano quanto as condições de subalternidade no meio em que vive. Embora se considere mais bicho que homem, Fabiano não percebe que a própria natureza também o oprime e condiciona os limites de sua existência. Conforme observa Gabriela Amaral (2018), a reflexão de Fabiano revela sua condição de homem dividido entre a sociedade e a natureza sendo esmagado por ambos os lados. De um lado, há a segregação da sociedade devido à pobreza e falta de escolarização; de outro, há os flagelos da seca que dificulta a vida do vaqueiro que depende da natureza por viver da cultura de subsistência e dos cuidados com as fazendas dos que vivem na cidade. Em seu estudo sobre o silenciamento em Fabiano no viés da análise do discurso, Amaral (2018) destaca que, quando Fabiano se considera homem tal qual os demais, há um sentimento de revolta, vingança e desejo de expressar a própria voz. Todavia, quando se identifica como um animal, Fabiano controla as inquietações ficando em silêncio e falando baixo.

Pensar ser motivo de chacota, em virtude da classe social à que pertence, efetua em Fabiano certa aversão à cidade e aos homens da urbe que dispunham de maior prestígio social e de escolaridade. Diante disso, a narrativa nos mostra que Fabiano se considerava inferior quanto aos semelhantes que viviam na cidade e preferia ficar em silêncio e evitar conversas. O silenciamento resulta do fato de Fabiano considerar-se tanto inferior, quanto por acreditar que os homens urbanos riam de sua condição de inferioridade. É nessa perspectiva que observamos Fabiano associar seu próprio ser-estar aos animais na natureza. Pois é no espaço de existência sertanejo que Fabiano considera não haver necessidade da linguagem do homem urbano. Isso torna a personagem num sujeito oprimido, marginalizado e animalizado, quando entra em contato com o homem da cidade. Altamir Botoso (2013) destaca em sua pesquisa o papel das vítimas representado por Fabiano e sua família, bem como o papel dos opressores como o patrão de Fabiano, o soldado amarelo e o fiscal da prefeitura. O estudo de Botoso evidencia que há um embate entre opressores e oprimidos. Estes últimos são apresentados como derrotados pelos que detêm o poder, de maneira a conformar uma estrutura circular na narrativa, que vincula a situação dos oprimidos, e não aponta intervenções para ela. No entanto, a narrativa de Graciliano Ramos revela em Fabiano um tipo de vaqueiro que não reage às injustiças cometendo outras. Na verdade, Fabiano silencia a injustiça que sofre, tornando o silenciamento em símbolo de resistência protetiva de si e da família.

Embora Fabiano não tenha atitude de reversão das opressões sofridas, acreditamos que isto não se caracteriza como passividade livre de influência ideológica camuflada no silêncio. A

relação entre silenciamento e humilhação não é causada estritamente pela falta de domínio da linguagem ou mesmo como característica resultante da própria seca. Gabriela Amaral (2018) também reforça isto. Segundo Amaral (2018), Fabiano sofre pela injustiça, desigualdade e falta de respeito. Essas circunstâncias sociais são interpretadas por Gabriela Amaral como causas de identidades discursivas, formando um eu interno (que discorda das injustiças que sofre) e externo (que considera corriqueiras tais injustiças) à consciência de si em Fabiano. Considerar que as injustiças sejam normais por parte do governo causa em Fabiano um sentimento de revolta entre o que seria o governo perfeito e a ação injusta e desmedida desempenhada pelos representantes do poder. Rayssa Oliveira e Luiz Mousinho (2017, p. 81) apontam que “se há algo que Fabiano considera bom, perfeito, é o governo. Fabiano se cala, se sujeita, aguenta porque era assim desde sempre, era assim que tinha de ser”. Nesse ponto, será mesmo que o silêncio de Fabiano significa incapacidade de domínio da linguagem e passividade de raciocínio? Defendemos que não. Deste modo, concordamos com Gabriela Amaral (2018) quando afirma que o silenciamento se dá em ordem ideológica e identitária, e não pela falta de domínio da língua.

Em contrapartida, em sua análise da linguagem em *Vidas secas*, Isabela Santos (2015) defende que o processo de marginalização de Fabiano se dá por intermédio do (não) uso da linguagem, visto que isto possibilita a defesa e o posicionamento de si diante do outro. No entanto, como garantir que o silêncio também não seja uma forma de defesa e assertividade? Em função disto, contrapomo-nos ao argumento de Isabela Santos (2015), devido ao aspecto ideológico que constrói o silêncio. O próprio narrador nos revela fluxos de consciência que são associados a Fabiano através do discurso indireto livre. Logo, Fabiano é capaz de pensar e raciocinar, embora tenha dificuldade de exteriorizar na fala tais inquietações.

O conflito entre as vozes internas (pessoais) e externas (como as do governo) causam em Fabiano um silenciamento como incapacidade de combate. Para Gabriela Amaral (2018, p. 276, grifo da autora), o “silêncio de Fabiano pode ser considerado como uma postura, uma máscara face à hipocrisia reinante e também como uma espécie de ‘armadura’, um meio de proteger a si e a sua família contra as injustiças do mundo”. O posicionamento de Amaral (2018) é certo quando menciona a família como base para o silenciamento de Fabiano. A família funciona como um elemento basilar na constituição do ser-estar de Fabiano no seu espaço de existência e resistência. Isto, de certa maneira, torna o silenciamento numa forma de resistir à humilhação expressando proteção a partir de uma passividade ideológica:

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha. (RAMOS, 2014, p. 37)

Fabiano é um homem que tem como responsabilidade manter a integridade da família, embora tenha um comportamento bruto. A brutalidade passiva de Fabiano caracteriza-o como sujeito desprestigiado e estereotipado numa sociedade totalitária, isto é, marcada por um sistema político de domínio absoluto, autoritário, tendo por fim controlar, mediante o governo, a vida das pessoas. Geralmente, há forte participação militar na carreira política, que, mediante suas ideologias e estratégias, busca controlar a sociedade. Nesse aspecto, tanto Graciliano Ramos quanto sua criação ficcional em Fabiano expressam a vitimização sofrida pelo regime político totalitário de então. O efeito colateral disto é a acentuada desigualdade de distribuição de renda na sociedade capitalista. A minoria controla as riquezas e o poder. Assim, a miséria causada pela seca é tratada como elemento central para que Fabiano sofra humilhações. Por conseguinte, a exploração da mão de obra barata torna a vida miserável dos grupos que vivem à margem da sociedade e dos bens materiais e culturais.

Pierre Ansart (2005), ao tratar sobre humilhações políticas, chama a atenção para dois níveis de análise do termo. O primeiro deles está relacionado com a *situação*, ao referir-se à constituição de desigualdades entre diferentes atores que se opõem. Nessa perspectiva, entende-se que tal oposição é tida, sobretudo, por questões sociais próprias dos indivíduos. Por um lado, tem-se o ator que exerce uma influência sobre outrem, o opressor, e, por outro, o que é influenciado, o oprimido. Compreendemos, pois, que a desigualdade social e o espaço de existência assumem um ponto fundamental sobre os preconceitos e as injustiças por que Fabiano passa. Fabiano possui um *ser humano* que é desvinculado do *ser social* entre os homens de alta classe.

O segundo nível de análise do conceito de humilhação, como pensa Pierre Ansart (2005), está relacionado com o *sofrimento*. Nesse âmbito, operam as relações com o interior do indivíduo. Todo ser tem sentimentos. Quando estes são efetivamente atingidos, no sentido de haver sido menosprezados, inferiorizados, desvalorizados, desrespeitados e desonrados, o saldo que se tem é

convertido em sofrimento. As reflexões de Fabiano sobre a grosseria do patrão sem motivo aparente estão articuladas com uma relação de poder que causa humilhação e sofrimento no menos privilegiado, como podemos notar no trecho a seguir:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (RAMOS, 2014, p. 23)

O narrador nos mostra nesta citação o quanto é humilhante para Fabiano ter que suportar a condição de subalternidade em relação ao patrão, mesmo quando aquele possui razão sobre o desagrado do amo. A obediência de Fabiano quanto às críticas do patrão move-se pela dependência laboral e econômica para a sobrevivência, e não por achar que não esteja cumprindo as funções de bom vaqueiro. Ademais, isto cria em Fabiano uma resistência em forma de silenciamento das opressões e humilhações sofridas. Fabiano não só discorda das exigências do patrão, como também desconfia que não está sendo pago justamente. Como garantir que não está sendo enganado ou roubado? Sinhá Vitória, a esposa, faz a contagem e conclui que Fabiano havia recebido menos do que merecia no acerto de contas. Todavia, embora ciente de que a esposa não havia errado nas contas, Fabiano é convencido pelo patrão de que sinhá Vitória não entende de contas. O que Fabiano poderia fazer? Nada. Fabiano apenas lamenta ter causado qualquer inconveniência ao patrão e permanece calado consentindo o possível engano. O consentimento da humilhação torna-se símbolo para proteção à família, pois Fabiano precisava *baixar a crista*. Do contrário, como retrata a narrativa, Fabiano teria que desocupar as terras e largar-se no mundo com a mulher e os meninos. Na pior das hipóteses, a família seria despejada sem ter aonde ir.

A aflição perante a ausência de dinheiro, de terra e de bens materiais frente à vulnerabilidade social de toda a família impediam Fabiano de executar qualquer reação. A falta de direitos perante o patrão o silenciava. Mesmo estando tudo organizado como devia, o patrão fazia questão de criticar Fabiano com o intuito de humilhá-lo e enfatizar a diferença de poder que havia entre ambos. Como observam Rayssa Oliveira e Luiz Mousinho (2017), Graciliano Ramos conhecia bem as injustiças do governo quando este favorecia os mais ricos em detrimento dos mais pobres. Destacamos, nesse caso, o fato de o vaqueiro ser humilhado e incorporar sentimentos de opressão

por considerar ser natural a postura do patrão. A imposição de autoridade contra Fabiano cria uma atmosfera de passividade. No tópico, a seguir, discutimos como a passividade também significa imposição ideológica por parte de Fabiano.

3. A PASSIVIDADE IDEOLÓGICA DE FABIANO

O processo de naturalização da subordinação por Fabiano traz consigo a consciência de ser um sujeito destituído de direitos como condição extensiva a toda a sua família. Isto resulta numa passividade que se torna marca essencial de humilhação em Fabiano. Claudine Haroche (2005) argumenta que um indivíduo posto em situação de passividade diante de um caso humilhante também pode ser caracterizado como dependente, impotente e frustrado. Esses sinais estão intrinsecamente relacionados com aspectos psicológicos do indivíduo oprimido, os quais são colocados em xeque na sociedade. Nessa direção, destacamos Claudine Haroche (2005, p. 32-33) quando postula que “a sociedade [...] destrói a subjetividade na medida que interdita toda capacidade psíquica que demande um tempo necessário à reflexão, à relação consigo mesmo, à consciência de si”. A subtração da subjetividade do indivíduo por parte da sociedade, como pontua Haroche, implica um efeito diretamente nos sentimentos da pessoa. No caso de Fabiano, por exemplo, a sociedade impõe um poder que deteriora o ser-estar de Fabiano como homem fracassado diante da civilização pondo-o à margem do desenvolvimento. De acordo com Pierre Ansart (2005), os sentimentos de uma pessoa humilhada perpassam a degradação do ser e da vontade, o que afeta diretamente na própria afirmação de existência permanente do indivíduo:

O povo vencido e dominado é degradado em seu orgulho coletivo, degradado em seu ser e em sua vontade. O indivíduo humilhado se sente como tendo sua afirmação vital negada, rejeitada, destruída, se sente excluído da relação de reciprocidade, experimentada vergonha de si mesmo. Por outro lado, seu sofrimento aumenta ao sentir que o outro, o agente ativo de sua humilhação, não percebe sua dor ou tem satisfação com ela. (ANSART, 2005, p. 15-16)

O que se percebe, ainda, é que entre ambas as partes não há reciprocidade. A falta de empatia do opressor sobre a dor do oprimido aumenta o sofrimento do que é ou se sente excluído. Nesse aspecto, observamos que a humilhação provoca sentimentos distintos entre as partes integrantes de algum evento de rebaixamento. Por um lado, há os opressores, cujos sentimentos se

traduzem em satisfação, contentamento, prazer; por outro, há os oprimidos, cujos sentimentos são de dor, sofrimento, tristeza, vergonha de si, impotência. Sob essa perspectiva, é importante como Graciliano Ramos nos remete ao constante estado de embrutecimento a que estava submetido Fabiano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro, cambio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 2014, p. 20)

O narrador nos apresenta que Fabiano afirma sua existência estando entre os animais no sertão. O distanciamento dos homens torna Fabiano parte integrante da natureza, como destacamos anteriormente. O ser-estar de Fabiano na natureza entre os bichos constitui-se numa identidade que se desenvolve com o distanciamento do outro. A postura de Fabiano nos faz refletir sobre três conceitos levantados por Pierre Ansart (2005) para discutir sobre a humilhação: destruição, superação e instrumentalização. O primeiro está relacionado com a destruição do sujeito humilhado. O segundo constitui os oprimidos revoltados, os quais se utilizam de tal estratégia para superarem os resquícios da humilhação. Por último, tem-se uma humilhação atrelada ao terrorismo como forma instrumentalizada. Diante do pensamento de Ansart, levantamos a hipótese de que Fabiano permanece no entremeio da humilhação destrutiva e superada. Fabiano admite a sua animalização frente ao humano. Considera-se homem, mas no mesmo instante repensa e afirma ser um bicho diante das outras pessoas. Isto implica que Fabiano está ciente da relação de poder que existe entre o sertanejo e o homem da urbe. Desse modo, a consciência de inferioridade permite que a humilhação continue acontecendo.

Consideramos que o sentimento de subalternidade ocorre porque Fabiano desconhece os seus direitos, não tem conhecimentos políticos. Inclusive, deixa claro que não sabe falar tal qual o homem letrado e supõe ser mais confortável viver entre os animais do que entre as pessoas. A limitação de comunicação reflete em Fabiano e a família certa admiração pela linguagem. O menino mais velho apanhou da mãe por questionar o que significava a palavra inferno. Intrigava à família de Fabiano o fato de uma palavra tão bonita significar uma coisa tão feia. Ademais, era estranho

ainda como os homens eram capazes de acumular tantas palavras. Graciliano Ramos mostra que Fabiano admirava determinadas palavras que as pessoas da cidade utilizavam. Mesmo desconhecendo o sentido, o protagonista é consciente do poder que as palavras possuem e do perigo que podem atribuir a quem as articula. Contudo, em alguns casos, Fabiano tentava imitar os homens da cidade e empregava palavras que considerava bonitas em contexto inadequado tornando o discurso incompreensível. Sem êxito, o vaqueiro preferia remover tais palavras de seu repertório sociocomunicativo. Era como se sua classe não fosse digna dessa funcionalidade.

A questão da linguagem em *Vidas secas* (2014) é tão intrigante que a própria cachorra da família tinha nome: Baleia. Todavia, os filhos não tinham nome. Ser o menino mais velho ou o menino mais novo reporta a uma generalidade que importa menos do que a cachorra Baleia. A falta de um nome para os filhos simboliza a ausência de dignidade humana entre os homens, especialmente representada na família de Fabiano. O nome de uma pessoa é um signo que identifica e determina a identidade de um corpo. Isto faz com que a pessoa faça parte da família, da sociedade e do espaço onde habita. É no nome que se compila os direitos sociais e individuais. A narrativa implica, desse modo, a animalização do homem e a humanização do animal. Grosso modo, a privação do direito de possuir um nome se confunde com o não reconhecimento do sujeito em sociedade, uma vez que a identidade é construída através do nome.

Isabela Santos (2015) argumenta que o processo de animalização de Fabiano é desencadeado, sobretudo, pelo processo de marginalização sofrido. Assim, Santos (2015, p. 6) infere que a personagem “não consegue se insurgir contra sua condição animalizante porque as forças marginalizantes que o dominam atuam na subtração de instrumentos e condições para que isso aconteça”. Nesse ponto, ressaltamos que, ao longo do enredo, a linguagem cumpre um papel preponderante para a construção da identidade de Fabiano. É através dela que o vaqueiro se autodenomina bicho, excluindo-se e sendo excluído da sociedade, como podemos perceber nesse trecho da narrativa “[...] via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (RAMOS, 2014, p. 22). Fabiano conclui que, na condição de marginalizado da cultura dominante, devia permanecer às margens da sociedade.

A decisão de Fabiano de evitar a linguagem do civilizado significa também uma passividade de silenciamento do ser-estar fora do seu espaço de existência no sertão. Christina Lopreato (2005), ao tratar da humilhação como ferimento da honra e da moral humana, enfatiza que é no âmbito da interiorização do indivíduo que se articula a resistência à humilhação. Para Lopreato (2005, p. 249),

“[...] a honra interior é o sentimento que cada um nutre dentro de si a respeito das suas qualidades, das suas virtudes [...]”. Na política do não-silenciamento, espera-se que o humilhado tenha voz ativa na sociedade e lute por sua honra e suas ideais. A obra de Graciliano Ramos evidencia que o silenciamento de Fabiano é o produto de uma construção que atinge a própria concepção e compreensão que ele faz de si e de sua imagem. O vaqueiro considera-se impotente e incapaz de expressar sentimentos por meio de palavras. Ademais, o fato de ser pobre e analfabeto provoca em Fabiano o sentimento de inviabilização de reagir perante as injustiças. Nesse sentido, Christina Lopreato (2005) problematiza a partir de Lucien Febvre (1878-1956) sobre a humilhação através da situação do sujeito afetado, de modo a destacar três sentidos da honra, a saber: a *recusa*, que diz respeito à preservação da identidade pessoal do indivíduo e do respeito às suas crenças perante a humilhação; a *sensibilidade*, que tem relação com os sentimentos; e a *força de ação*, que leva o sujeito a proteger-se das atrocidades. A partir desses conceitos apontados por Lopreato (2005), podemos observar na postura de Fabiano frente à humilhação que a defesa de honra individual e familiar parte do silenciamento e da passividade ideológica. O fato de não fazer nada constitui-se como uma proteção para que situação pior não aconteça, principalmente por não possuir terras e não ter condições de sobrevivência sem depender de um patrão. Para garantia de sobrevivência, Fabiano se sujeita a humilhações por parte do poder econômico, político e militar. Ao ser acusado e preso sem motivo pelo soldado amarelo, Fabiano recusa-se a reagir e silencia-se.

Apesar da humilhação de ser preso injustamente por insulto causado pelo próprio soldado amarelo, Fabiano acredita que o soldado é apenas um infeliz a mando do governo. Para Fabiano, o oficial é ruim, mas o governo é bom. A vingança seria abandonar tudo, entrar para o cangaço e matar o soldado amarelo, o juiz, o promotor e o delegado. Contudo, o que seria da família? A defesa da família cumpre em Fabiano o controle do silenciamento e da passividade. É nesse ponto que consideramos o silêncio e a falta de reação os aspectos ideológicos que Fabiano usa como articulação de defesa de si e da família. Christina Lopreato (2005) comenta que cada indivíduo possui o arbítrio de proteger a própria honra. Embora a autora considere como desonra a falta de reação em defesa da identidade pessoal, destacamos que Fabiano resiste à humilhação através do silêncio. A passividade é uma forma de proteger a si. Uma forma de revolta. Nessa circunstância, concordamos com Lopreato (2005, p. 250, grifo da autora) quando afirma que “[...] ao dizer ‘não’, o homem diz ‘sim’ a si mesmo”. Para Fabiano, dizer sim para si é também afirmar e defender a existência da família.

As condições socioculturais de Fabiano tornam-no indiferente em relação a um espírito da revolta anarquista. A voz de protesto é silenciada no combate à opressão e à injustiça. Embora deseje mudança, Fabiano é incapaz de expressar-se verbalmente para reverter a opressão. Isto o martiriza. Silenciar-se não significa concordância com a injustiça, mas a incapacidade de expressar isso em palavras e ações efetivas. Por conseguinte, incapaz de resolver, o silêncio seria uma forma de não tornar as coisas ainda piores. Ainda assim, observamos que Fabiano não se mostra um homem acovardado. O vaqueiro tinha consciência de que a humilhação sofrida se dava por não ser uma pessoa informada. Nesse aspecto, Christina Lopreato (2005, p. 251) defende que “a revolta é própria do homem informado, consciente dos seus direitos. Ela permite que o revoltado tome consciência do seu próprio valor e do quanto o dizer não contribui para a afirmação de si mesmo [...]”. Como citamos, anteriormente, Fabiano é convencido pelo patrão de que o acerto de contas estava justo. A falta de conhecimento impede Fabiano de contra-argumentar. Por conseguinte, nada pode fazer senão concordar com o patrão. O caso da prisão injusta de Fabiano também revela o quanto é grande a lacuna de conhecimento que se abre sobre os próprios direitos por parte de Fabiano.

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ser. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 2014, p. 35)

O modo como o narrador nos apresenta a revolta de Fabiano retrata o cenário de injustiça social por que passam os menos favorecidos brasileiros. Apesar de ser notória certa evolução das leis no Brasil em favor da garantia de direito iguais, a imprensa nacional ainda revela com certa frequência situações de injustiça social que são causadas pela classe mais favorecida sobre os marginalizados. Fabiano representa o pobre sem escolaridade à margem da sociedade e sem expectativa de desenvolvimento. Fabiano é o homem que se mostra capaz de oferecer ao outro apenas o corpo ao trabalho barato. Dizer não seria uma revolta contra a própria capacidade de labor. Christina Lopreato (2005) postula que a partir da revolta o homem consegue confrontar com as situações de humilhação. No mundo onde as coisas fluem, Lopreato (2005, p. 261, grifo da autora) acredita que o homem precisa desafiar-se a “[...] (re)aprender a (re)valorizar conceitos de

dignidade pessoal, de honra, de respeito de si, pois ‘nem tudo que é sólido desmancha no ar’”. Com este entendimento, corroboramos o fato de Fabiano viver subjugado e oprimido cotidianamente em função da falta de conhecimento de seus direitos. O silenciamento e a passividade não se constituem como subtração da linguagem, mas como proteção da própria voz que não consegue expandir-se para além da dor que faz o corpo e a mente sofrerem a opressão. Estar posto à margem também é um modo de silenciamento do corpo. Por conseguinte, o *ser humano* se distancia do *ser social* dentro do espaço onde habita. E isto nos faz afirmar que o silêncio e a passividade do corpo operam no embate entre a opressão e a defesa de si.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo examinamos as instâncias da humilhação em Fabiano na narrativa de *Vidas secas* (2014), de Graciliano Ramos. Organizamos nossas análises em dois tópicos para discussão sobre as instâncias de humilhação enfrentada por Fabiano. No primeiro, apresentamos o silenciamento como efeito de humilhação por que passa Fabiano na narrativa. Nesse âmbito, podemos apontar como resultado principal de nosso exame do silenciamento o seguinte ponto:

1. O silenciamento resultante da humilhação sofrida por Fabiano não se configura como incapacidade de domínio da linguagem, mas como estratégia protetiva de si e da família para evitar um dano maior;

Fabiano tem a família como base de controle do ser-estar no espaço de existência no sertão. Embora Fabiano tenha limitações em saber expressar-se diante das pessoas, consideramos a família do vaqueiro como suporte para a proteção da honra individual e da garantia de sobrevivência da esposa, dos filhos e da cachorra. Sem esta presença da organização familiar na consciência de Fabiano, todos pereceriam por não ter aonde ir e nem o que comer. Desse modo, o vaqueiro sente-se obrigado a silenciar suas angústias e concordar que não possui poder à altura dos homens da cidade.

No segundo tópico enfatizamos a questão da passividade como outra instância de humilhação em Fabiano. Nesse aspecto, destacamos dois pontos que relevamos serem nossos resultados mais significativos nessa parte:

1. A passividade de Fabiano diante da humilhação, tal como o silenciamento, é ideológica;

2. A falta de informação e conhecimento sobre os próprios direitos conduz Fabiano a acreditar que o governo é bom e tudo devia ser como tal.

Esses dois aspectos revelam que Fabiano tinha consciência de que precisava revoltar-se contra as injustiças que sofria. No entanto, por ter a família como base de controle emocional e defesa da honra, Fabiano torna-se passivo ideologicamente. O ato de não fazer nada cumpre-se como um fazer para proteção de si e do outro. A tentativa de revolta é impedida de acontecer porque Fabiano conclui introspectivamente que tudo devia permanecer daquele modo. Porém, destacamos que isto se configura assim devido à falta de informação.

A falta de consciência de direitos é constituinte da formação de um sujeito com identidade desvalorizada, submerso na extrema pobreza e na exclusão social. Desse modo, o autoritarismo é consentido quando o desnivelamento de poder impede o menos favorecido de progredir socialmente. São estes fatores que causam humilhação e, sobretudo, resultam em efeitos de manipulação de Fabiano por parte dos mais favorecidos. Todas essas características são marcantes em Fabiano e, portanto, responsáveis por causar silenciamento e passividade tornando o vaqueiro num indivíduo sem espírito de revolta na execução de seu papel como cidadão na sociedade. Assim, acreditamos que a educação pode favorecer o indivíduo a ter maior chance de superar as próprias angústias ao conhecer os direitos que possui e poder dialogar com os membros da sociedade de forma mais igualitária.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. Silenciamento em *vidas secas*: o “eu” que se cala diante da opressão. **Macabéa: Revista Eletrônica do Netli**, Crato, Ceará, v. 7, n. 1, p. 265-277, jan.-jun., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47295/mren.v7i1.1518>. Acesso em: 02 abr. 2021.

ANSART, P. As humilhações políticas. In: MARSON, I.; NAXARA, M. (Orgs.). **Sobre a humilhação**: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 15-30.

BOTOSO, A. Opressores e oprimidos: uma leitura do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Taguatinga, DF, v. 6, n. 1/2, ano VI, p. 49-66, dez, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/3807/3386>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CASTELO BRANCO, F. **Ataliba, o Vaqueiro**: Francisco Gil Castelo Branco. Estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes



Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo. 3. ed. 11. ed. rev. e atual. a partir da 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012.

HAROCHE, C. Processos psicológicos e sociais de humilhação: o empobrecimento do espaço interior no individualismo contemporâneo. *In*: MARSON, I.; NAXARA, M. (Orgs.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 31-48.

LOPREATO, C. O respeito de si mesmo: humilhação e insubmissão. *In*: MARSON, I.; NAXARA, M. (Orgs.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 247-263.

NUNES, M. P. O romance da seca. *In*: CASTELO BRANCO, F. **Ataliba, o Vaqueiro: Francisco Gil Castelo Branco. Estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo**. 3. ed. 11. ed. rev. e atual. a partir da 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012. p. 07-08.

OLIVEIRA, R.; MOUSINHO, L. Vidas secas: as percepções de Fabiano e o estado ausente. **Revista Principia**. Divulgação científica tecnológica do IFPB, João Pessoa, Paraíba, n. 37, p. 78-84, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-03062015v1n37p78-84>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PATTO, M. H. S. O mundo coberto de penas Família e utopia em *Vidas secas*. **Estudos avançados**, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 225-236, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000300022>. Acesso em: 06 jul. 2020.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 124. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RIBEIRO, G. Vidas secas: subalternidade, palavra e poder. **Remate de Males**. Campinas, v. 36, n. 2, p. 343-356, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/remate.v36i2.8647906>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, I. A marginalização de Fabiano em *Vidas secas*: o uso da linguagem nas relações de poder. **Mafuá**, Florianópolis (SC), n. 23, 2015. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2015/a-marginalizacao-de-fabiano-em-vidas-secas-o-uso-da-linguagem-nas-relacoes-de-poder/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

TOMM, D. Mimetização e linguagem em *Vidas Secas*: uma abordagem benjaminiana. **Cadernos Benjaminianos**, Belo Horizonte, v. 8, p. 34-48, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/8845>. Acesso em: 06 jul. 2020.